

**A GOTA QUE FALTA E O DESFECHO DA FESTA:
A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM *GOTA D'ÁGUA*,
DE CHICO BUARQUE E PAULO PONTES**

Alcione Nascimento Santos (UESC)

O homem nasce da mulher e tem
Vida breve. No meio do caminho
Morre o homem nascido da mulher
Que morre para que o homem tenha vida.
A vida é curta, o amor é curto. Só a morte é que é
comprida.
(Vinícius de Moraes)

Desde a Antiguidade até os nossos dias, muitas idéias influenciaram e ainda influenciam a imagem da mulher para justificar o lugar de segunda categoria que ela sempre ocupou na sociedade.

Na Grécia, a posição da mulher variava de uma época para outra, de uma cidade para outra. No período Homérico ela desfrutou de uma situação superior à época clássica; a mulher ateniense tinha vida inferior às companheiras espartanas. A mulher de Atenas se limitava aos afazeres domésticos, não participando das assembleias dos cidadãos, enquanto que a mulher de Esparta tomava parte dos mesmos exercícios físicos que o homem, já que a espartana deveria ser forte e vigorosa para gerar filhos sadios e valentes guerreiros. De maneira geral, a mulher grega era considerada inferior aos homens, suas funções eram a de ser mãe e esposa.

Inserida no período clássico, 431 a.C., a tragédia *Medeia*, de Eurípidés, grande poeta trágico, também conhecido pelos seus protestos contra o costume de excluir as mulheres da vida social e intelectual, nos remete a partir dessa tragédia às práticas de magia, aos sentimentos femininos e à condição social da mulher grega. Este tema integra o que se convencionou chamar de estudo de gênero, tornando possível demonstrar que a história das mulheres poderia ter suas próprias heroínas, atuariam mesmo quando subordinadas à figura masculina. Elas souberam manipular o poder ao qual estavam submetidas empregando táticas e subvertendo a ordem.

Reconhecemos que as informações sobre as mulheres foram em sua maioria compostas por homens, os quais tiveram uma atitude de não nomeá-las, tornando-as uma realidade silenciosa. O poeta Eurípidés, no entanto, as coloca em primeiro plano embora no

desempenho de atividade que os homens definiram e determinaram que ela atuassem no espaço fechado do gineceu no exercício dos afazeres domésticos. Acreditamos que os vestígios de memória encontrados em Medeia nos possibilitam repensar a atuação da mulher subvertendo a ordem estabelecida.

A questão feminina está ligada ao contexto historiográfico, considerando que a história das mulheres na atualidade se deve a sua atuação junto as sociedades do passado como a comunidade políade dos atenienses, buscando subsídio que nos possibilitam repensar a condição social da mulher em nosso tempo presente. Todas nós somos mutações, cada ser humano, cada mulher que nasce traz em si o inédito, o original, o criativo.(PRAVAZ 1981,p.47) Essa singularidade coloca a mulher mesmo oprimida à frente de seu tempo. Ela usa de uma força, por vezes desconhecida em si mesmo e vai além do que é permitido.

Não raramente, a projeção dos personagens femininos só foi possível pela virtual renúncia de seu próprio sexo e pela insólita transfiguração. Qualquer que seja a situação, entretanto, a participação feminina na história é pautada pela coragem, determinação, persistência e forte caráter do sexo tradicionalmente frágil.(LEITE,1994,p.26)

Os registros da história nos põem a par dessas conquistas, de mulheres “sexo-frágil” que sobreviveram e sobrevivem a ataques psicológicos e a preconceitos de toda sorte. Mulheres que amaram uma causa, a própria existência e foram vitoriosas. Mulheres como Christine de Pisan que já na Idade Média, lutava pela igualdade dos sexos; considerada uma das primeiras feministas, se levamos em conta seu discurso concretamente construído em defesa da mulher; Flora Tristan, avó de Paul Gauguin, que denunciou a degradação da mulher operária; Simone de Beauvoir e sua decisão de existir, mesmo amando Sartre não deixou de amar a si mesma, apontando um caminho novo para mulheres cuja existência precisa ser preservada; Marie Curie, duas vezes ganhadora do Prêmio Nobel, suas descobertas mudaram e ainda mudam a vida de homens e mulheres. Venceu obstáculos, a pobreza e a si mesma. Também, há as Amélias, Elvira Valdelices, mulheres possíveis que fizeram de sua arte, de sua escritura a voz de outras tantas mulheres e as que ainda fazem, como as Zélias, Adélias, Helenas, mulheres combativas, que lutam pela vida, pela superação de desafios. Mulheres armadas pela palavra para denunciar e desmontar as imposições de comportamento e a limitação de seus desejos. Todas reais. Senhoras de mudanças do sentir e do ver feminino.

Importantes também, as mulheres que, dentre tantas outras, fulguram o imaginário feminino, aquelas que foram escritas e se tornaram igualmente possíveis à discussão de

gênero, a exemplo de Penélope e sua tessitura sem fim, fiel a si mesma e a seu amor. Amou e esperou guerreiramente por Ulisses. Sua paciência e astúcia, fizeram-na símbolo de persistência. Gabriela, cabeça de menina em corpo de mulher, pele cor de cravo e canela, criada para destacar na ficção um símbolo de mulher ideal – bonita e doméstica – vista como ícone da identidade nacional. A bela e jovem Capitu, com seus olhos de cigana oblíqua e dissimulada, misto de verdade e mentira, de inocência e de pecado; a que Tertuliano chamaria, certamente, de “porta do demônio”¹. Mulheres como ela, conseguem com seu jeito sutil de ser, despertar nos homens fraqueza perversa. E há também, Joana. Personagem da tragédia moderna *Gota D`água*. Ela é a Medeia revisitada, seu drama situa-se no momento em que o feminismo já tem um lugar conquistado, mas mesmo assim, suas ações, seu jeito violam o que a seu sexo não é permitido.

Medeia, em nome de sua paixão por Jasão, ultrapassa todos os limites da ética e da moral para viver com ele. Por conta de sua subversão e atitudes é obrigada, junto a Jasão, a exilar-se em Corinto, onde passam a conviver com os cidadãos locais como marido e mulher. Têm dois filhos e vivem juntos por um bom tempo, até que por conveniência política, Jasão abandona sua esposa por acordar núpcias com a filha de Creonte, rei de Corinto. Essa traição desperta em Medeia o ódio por seu ex-companheiro, Creonte e sua filha, dos quais ela promete vingar-se. Envenena pai e filha no dia das bodas e assassina os próprios filhos para ferir Jasão. Medeia é a mulher que deveria seguir os princípios de sua época e não o fez. Desvia o padrão estabelecido e esperado pelo homem grego e não é punida pelos seus crimes.

Joana, mulher da década de 70, impõe sua condição de cidadã, mulher que tem vontades, desejos e não nega a si mesma. Joana traz à tona a questão da liberdade das mulheres e o uso que dela fazem. A marginalidade que faz a grandeza dos heróis é marca acentuada nessa mulher, colocada inevitavelmente em situação de contestação. Faz oposição às leis, ao culto da ordem e ao conformismo representado pelas instituições; a sua relação com Jasão é um exemplo dessa oposição, mantém com um homem mais novo uma relação conjugal não oficializada com quem tem dois filhos. Em vez de ser excluída ou de excluir-se pelo seu silêncio, é através da palavra proferida e executada, do pensamento revestido de signos e tornado inteligível pelas palavras, que a própria Joana permite decifrar-se em suas reais intenções. É, sem dúvida, uma mulher artilosa, temerária.

Ela e Medeia são diferentes em relação a origem. Medeia é sacerdotisa de Hécate, sobrinha de Circe, neta de Hélios, uma nobre grega que tem a seus pés o capricho da

divindade. Joana, uma mulher comum, proletária, moradora de um conjunto habitacional carioca, mulher de dupla jornada. Está próxima do samba, do futebol de várzea e do botequim. O seu jeito, a sua simplicidade fazem com que ela seja a personagem que mais representa o povo da Vila. Aquela é considerada pelos antigos como heroína pela “superioridade”; essa, considerada heroína por ser ao mesmo tempo vítima de um período sócio-político e econômico cruel. A dor e a solidão são os elementos que unem essas mulheres separadas pela muralha dos séculos. O que lhes assemelha é a condição de ser mulher e de não se conformarem com as limitações de suas épocas.

De alguma forma todas as mulheres por circunstâncias ou conseqüências têm em si um pouco de Medeia e por vezes, são verdadeiras joanas. É o lado demoníaco feminino, que

usa de todos os artifícios e artimanhas sendo mesmo capaz das mais torpes vilanias para prender um homem ao seu amor. Um caráter predominantemente medeiano, usa a maternidade para prender o marido e não titubeia em usar os filhos para fazê-lo sofrer e impingir culpa e apresenta-se à sociedade como mulher indefesa e sofredora, quando no fundo, é possessiva, irada e violenta. (ANTONIO, 2006, p.2)

A mulher medeiana age com inteligência e coragem, não dispendo de força física para fazer e acontecer, tem por princípio a arte da persuasão, faz uso da palavra e usa meios alternativos para fazer valer a sua vontade. Ela pacientemente arquiteta seu encontro de contas. Joana e Medeia sabem também, que o filho, como bem coloca Suzana Pravaz, significa o poder de manipular o homem, a mulher é dona e guardiã dessa riqueza, por tanto será temida, cuidada e venerada.

De posse desse entendimento, elas transmutam seu amor em sede de vingança e matam os próprios filhos, como último recurso para ferir o marido perjuro, de modo que se opõem a imagem de mãe amorosa cultivada pela cultura patriarcal. Numa oportunidade de diálogo com Jasão, Joana deixa claro que o relacionamento com os filhos se modificou. Com o interesse do pai em vê-los, ela diz o que pensa acusando-os de culpados pela traição, como fora o sambista, os filhos agora são vítimas. Eis a fala de Joana:

Meus filhos! Não são filhos de Jasão!
Não têm pai, sobrenome, não têm importância.
Filhos do vento, filhos de masturbação de pobre, da imprevidência
E da ignorância.
São filhos dum meio-fio dum beco escuro
São filhos dum subúrbio imundo do país
São filhos da miséria, filhos do monturo

Que se acumulou no ventre duma infeliz...
São filhos da puta, mas não são filhos teus,
Seu gigolô!...(BUARQUE;PONTES,1998,p.91-92)

A fala de Joana demonstra, por meio da figura dos filhos aquilo que se torna referência para o povo brasileiro. Enquanto apenas uma minoria é escolhida para construir o progresso do país, a maioria se vê excluída.

O comportamento definido como ideal para o comportamento feminino foi construído pelo homem grego que esperava que ela seguisse o modelo melissa, ser submissa, passiva e silenciosa, atributos contrários ao comportamento masculino definido como dominante, ativo, agressivo e agente de decisão.

Mesmo inapropriado, como muitos acreditaram ao longo dos séculos, não ser permitido, até mesmo impossível, a uma mulher agir com inteligência e coragem, usar a palavra de modo determinado, ter atitudes decisivas e individuais, é dessa forma que Joana age. Ela tem atitudes masculinas o que lhes renova o sexo e a condição supostamente definida de submissas em seu papel social. Mas o ultraje, a traição que lhe enfraquece, colocam-na de novo no mesmo lugar, mesmo quando se sente forte e relutante, os conflitos que a inundam a se encontram em contínua hostilidade e se transformam gradualmente, é “a gota que falta”, e de um objeto da tragédia masculina se converte no sujeito de sua própria tragédia.

Essa tragédia pessoal, a enlouquece e há uma morte simbólica. Joana aciona sua autodestruição no máximo da doação. Ao se dedicar de corpo e alma ao seu homem ela simbolicamente começa a morrer.

Sempre suficientemente livre para matar-se, a mulher não o é para escapar a seu enraizamento espacial: o retiro recôndito onde elas se matam é também o símbolo de sua vida, vida que tira seu sentido fora de si, que só se realiza nas instituições – casamento, maternidade – que ligam as mulheres ao mundo e à vida dos homens. E é pelo homem q as mulheres morrem, é pelos homens que ela matam com maior freqüência. Por um homem, para um homem [...] Assim a morte das mulheres confirma ou restabelece sua relação com o casamento e com a maternidade. (LORAUX,1995,p.51)

A morte de Joana é lenta e sutil, ignorada pelo auge da paixão, leva a juventude, a virilidade, a razão, as certezas e os próprios filhos, a própria a vontade de viver, que se vai por um ato suicida. Medeia, por sua origem divina, é levada para o exílio em Atenas pelo carro do

Sol. Sai levando consigo os filhos mortos. Encolerizada, atormentada sem pátria, sem filhos, sem homem. Medeia também está morta, mas a sua morte é moral e não física.

Dentro de uma sociedade que se caracteriza por distribuição de poder desigual com base na diferença sexual, um ato de loucura como o de Joana pode significar uma gama de coisas: desilusão, protesto, luta pessoal pela preservação da identidade, entre outras. Não há justificativa real, principalmente aos olhos da lei, para o ato de Joana ou outras loucuras semelhantes cometidas por outras mulheres, mas talvez, represente a única posição de onde essas mesmas mulheres possam expressar sua revolta. Se o comportamento feminino “enlouquecido” acaba por tornar-se violento, essa violência pode estar querendo assumir o *status* de gesto político, que ataca a exploração, a discriminação e a opressão do sujeito feminino e luta contra elas.

As raízes populares de Joana a colocam como síntese do povo brasileiro. Empenhou-se por anos na formação de seu homem, que seria um líder comunitário, mas que depois de construído deixa-se corromper e se vende a classe hegemônica da sociedade, representada em *Gota D'água* pela figura de Creonte.

A Joana , então, resta a voz para gritar seu ódio contra a quem a espoliou e contra quem se vendeu pela ambição do enriquecimento e poder. Ao final, sua vingança contra os inimigos, diferentemente do que fez Medeia, não é assassinar a noiva de Jasão e o todo-poderoso Creonte, mas condená-los todos à vida, para que se veja claramente que a felicidade burguesa só é possível mediante o sofrimento do povo submetido e o massacre daqueles que não querem se calar. (RABELO,1998,p.124)

Joana mata a si mesma e aos filhos pela busca de autopiedade, diferente da heroína da tragédia grega, e também para que seu ato seja visto como uma reflexão sobre a realidade brasileira no período da ditadura. Joana faz com que no “desfecho da festa”, aos olhos atônitos dos convidados para o casamento de Jasão, seus algozes se vejam e sintam-se culpados e, percebam que “[...] a festa é traiçoeira,[...] não há mal que nunca se acabe nem festa que dure a vida inteira.” (BUARQUE;PONTES, p.75).

Em tempo, cabe ressaltar que Chico Buarque e Paulo Pontes ao revisitarem a tragédia clássica para transpô-la para a década de 70, nos convidam a refletir sobre a situação do Brasil em pleno momento de opressão, coibição militar, de ditadura através da figura de Joana, pois ao colocar o drama da mulher abandonada pelo homem corrompido pelo sistema, coloca-nos também, frente às discriminações sofridas pelas mulheres ao longo da formação da nossa identidade nacional. A tragédia de Joana, vista através da música “Basta um dia”, representará a dor maior do povo que não vê nenhuma solução contra o poder que exclui. Sozinha, Joana

concilia desespero e ações radicais. Para ela, bastaria um dia para acabar com que foi construído em séculos. Ela revela o desejo de acabar com um sistema que se fundamentou durante todo o tempo, para lhe dar o controle total sob o povo.

Em relação a “Gota D`água”, canção homônima da peça, elemento pelo qual se deflagrou a separação de Jasão com Joana, percebemos que a todo momento a protagonista é marcada pela contenção de uma ação que se pretende violenta em função de seu ódio (Já estanquei meu sangue, quando fervia). Essa ação, metáfora da ação política dos seus vizinhos, também contida pelo inconsciente coletivo, demonstrando uma vaga noção de exploração e uma esperança de sucesso proporcionada pela sorte. Ainda, marcada pelo abandono e ameaça de exílio, sua voz é a sua única arma (Olha a voz que me resta). Sua voz é o elemento de denúncia e de vingança aos inimigos, e com ela, precipita o “desfecho da festa”, representado nos versos (Olha o que falta / Pro desfecho da festa / Por favor) que serão traduzidos pela sua morte e a dos próprios filhos, literalmente encerrando a festa “de espoliação” de seus inimigos a qual não foi convidada

Falar de Joana a partir da revisitação de Medeia junto a nomes de mulheres reais e, outras também ficcionais, que pelos seus atos positivos marcaram a luta feminista ou nos disponibilizaram o novo olhar para o feminino pelos olhos dos homens e, principalmente, pelos seus próprios olhos, nos leva a perceber o absurdo envolvido na manutenção de sistemas que oprimem e isolam alguns indivíduos em nome da tradição e continuidade das relações de poder existentes. As mulheres só conseguem perceber-se através de seus próprios olhos quando questionam definições sobre elas que não correspondem as suas próprias experiências. Através do que é definido como seu desequilíbrio, as mulheres podem, por conseguinte, desconstruir conceitos de feminilidade pertencentes a um sistema de gênero opressor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALEMBERT, Zuleika. **Feminismo**: o ponto de vista marxista. São Paulo: Nobel. 1986.

ANTONIO, Jose.(espírito). **Na ponta dos pés**. Psicografado por Ana Cristina Vargas. Catanduva. São Paulo: Boa Nova Editora. 2006.

BUARQUE, Chico.PONTES, Paulo. **Gota D`água**. Rio de Janeiro:civilização Brasileira,1981.

CHALITA, Gabriel. **Mulheres que mudaram o mundo**. 1ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

EURIPEDES. **Medeia**. Trad. Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. 2004

LEITE, Cristina L.P. **Mulheres: muito além do teto de vidro**. São Paulo: Atlas, 1994,

LORAUX, Nicole. **Maneiras trágicas de matar uma mulher**: Imaginário da Grécia Antiga. Rio de Janeiro: Zahar. 1995

PRAVAZ, Suzana. **Três estilos de mulher: a doméstica, a sensível, a combativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

RABELO, Adriano de Paula. **O teatro de Chico Buarque**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Dyala. R. **A figura feminina na obra Gabriela, cravo e canela de Jorge Amado**, as reinterpretações e ressignificações atribuídas às personagens na adaptação para a mídia televisiva. Monografia.. Ilhéus: Departamento de Letras e Artes. Universidade Estadual de Santa Cruz. 2004.

RABELO, Adriano de Paula. **O teatro de Chico Buarque**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de São Paulo, 1998.